



(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director e Proprietário: — Dr. Manuel Marques dos Santos
 Empresa Editora e Tip. União Gráfica, Travessa do Despacho, 16 — Lisboa

Administrador: — Padre Manuel Pereira da Silva
 Redacção e Administração: Seminário de Leiria

Fátima é um foco intenso e inexgotavel de graças celestes que irradiam com profusão sôbre Portugal inteiro

«Se é verdade que a fé se mede pelos sacrifícios que por ela se fazem, grande e profunda deve ser a fé deste povo que não se cansa de cantar os louvores de Maria Santíssima. E estes rasgos de amor à Virgem são coroados pela maior parte dos devotos peregrinos com o acto que, entre todos, deve ser o mais agradável àquela Mãe celeste — o de receber num coração abrasado de amor divino Jesus no seu sacramento de amor. Foram talvez essas numerosas confissões e fervorosas comunhões — sinal incontestável da verdadeira fé viva — o que mais me impressionou e comoveu de tudo quanto presenciei no augusto Santuário de Fátima».

Palavras duma carta do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor D. Estêvão P. de Alencastre, Bispo de Honolulu, para o venerando Prelado de Leiria.

Cruzada Nacional Nuno Alvares Pereira — D Nuno, herói e santo. — A festa da Pátria — As homenagens oficiais — Romagem a Ourém, Fátima, Batalha, e Aljubarrota — A apoteose do Santo Condestável.

A prestimosa e benemérita Cruzada Nacional Nun'Alvares Pereira acaba de juntar aos títulos que já possui mais um título à estima e gratidão de todos os portugueses dignos deste nome, sem distinção de partidos.

No dia 2 de Agosto último, a sua Comissão Executiva em sessão conjunta com a Comissão do Culto tomou conhecimento de todos os trabalhos já realizados para a comemoração da emancipação nacional no dia 14 e peregrinação aos santuários da Pátria nos dias 12 a 14 de Agosto. Por iniciativa da Cruzada, a Câmara Municipal de Lisboa associou-se de bom grado à organização da festa da Pátria. Ficou assente iluminar e embandeirar as Praças dos Restauradores, Luís de Camões e Largo do Carmo, armar nelas coretos para os concertos das bandas regimentais e promover, na sala nobre dos Paços do Concelho, uma sessão solene, onde deveriam falar oradores de grande envergadura.

Anunciada a peregrinação nacional, registou-se desde os primeiros dias uma grande procura de bilhetes para esta romagem comemorativa das aparições de Fátima e da gloriosa batalha de Aljubarrota.

As solenidades religiosas e as comemorações patrióticas em Ourém, Fátima, Batalha e Aljubarrota seriam dirigidas e presididas por Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia



Sua Ex.^ª Rev.^ª, Senhor D. Estevam Lencastre, Bispo no Arquipélago de Hawaii na Oceania, que presidiu à peregrinação de Agosto de 1930 a Nossa S.^a de Fátima

da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria.

Deste modo, como nos anos anteriores, o grande herói e santo português, o Condestável D. Nun'Alvares Pereira, será objecto de cultos acendrados e de preitos fervorosos, que constituem o pagamento duma dívida sagrada para com aquele que, na frase lapidar de Oliveira Martins, é «a mais pura consubstanciação da alma nacional», o salvador da Pátria.

Junto das ameias do castelo de Ourém — Na Cova da Iria — Os Senhores Bispos de Leiria e de Honolulu — Procição das velas, adoração nocturna, missa e bênção dos doentes — Na Igreja e na sala do capítulo do mosteiro da Batalha — Nos campos de Aljubarrota e naca pela de S. Jorge.

Como nos anos anteriores, a Cruzada, na sua peregrinação, começou por visitar a velha e histórica vila de Ourém

com o seu castelo de paredes negras e carcomidas, graciosamente abandonado no cimo de um monte altíssimo.

Os peregrinos, que vieram de Lisboa em automóveis, eram acompanhados pelo capitão dr. Afonso de Miranda, alma ardente e bem temperada de apóstolo, director da acção e propaganda da benemérita Cruzada.

A população da terra e dos arredores recebeu-os com alvoroço e entusiasmo, tendo à sua frente os rev. dos Carlos Pereira Gens, pároco de Ourém, e dr. Andrade e Silva, que foram duma gentileza cativante para com os visitantes.

Tendo subido às velhas muralhas do castelo, os jornalistas Silva Costa e Armando de Aguiar referem-se, em palavras sentidas, à festa que ali os juntara a todos. Fala também o rev. do Pereira Gens. O seu discurso é uma evocação e um hino à figura simpática de guerreiro e de santo do herói de Aljubarrota. Fôra ali perto, diz ele, que, na véspera da batalha, o Galaz português ajoelhara elevando ao Céu as preces da sua alma inocente, da sua alma grande e nobre.

O povo, que se estende em massa pela encosta, escuta profundamente comovido.

Pouco depois, de casa do rev. do Prior, onde se encontravam Suas Excelências Reverendíssimas os Senhores Bispos de Leiria e Bispo de Honolulu, saiu o Senhor D. José Correia da Silva, debaixo do Pálio, para a Sé Colegiada, onde se cantou um solene *Te-Deum*, sob a presidência de Sua Excelência Reverendíssima.

Perante uma multidão de fiéis, que enchiam as naves do vasto e lindo templo, o Senhor Bispo de Leiria, numa alocução brilhantíssima, referiu-se à obra benemérita da Cruzada que, num intuito patriótico, por todos os motivos louvável, se esforça por fazer conhecido de todos os filhos da terra lusa o imortal Condestável que a Santa Igreja já elevou às honras dos altares, confirmando a devoção dos portugueses, desde há muitos anos, desde o tempo em que morreu o Condestável. Terminou este número comovedor da patriótica festa com a bênção do Santíssimo Sacramento. Em seguida foi dada a beijar a todos os presentes uma relíquia do Beato Nuno pelo venerando Prelado de Leiria.

Nesse mesmo dia, às onze horas da noite, os peregrinos da Cruzada, juntando-se aos numerosos peregrinos que se encontravam na Cova da Iria vindos de diversos pontos do país, tomaram parte na procissão das velas, após o qual se realizou a adoração nocturna do Santíssimo Sacramento.

As seis horas da manhã do dia treze, o Senhor Bispo de Leiria celebrou a Missa da Comunhão Geral e ao meio-dia o

Senhor Bispo de Honolulu celebrou a Missa dos doentes, dando em seguida a bênção, que foi acompanhada de invocações e cânticos por todos os presentes.

Por fim, realizou-se a procissão do adeus, em que aos estandartes da Cruzada foi dado um lugar de honra, ao lado da Imagem da Virgem, que era conduzida aos ombros dos servitas.

Era geral a comoção da numerosa assistência, de que faziam parte, entre outras, as peregrinações de Benedicto e de Salir de Matos, presididas pelos seus párocos, respectivamente os rev. dos dr. Manuel dos Santos Canastreiro e Manuel Delgado.

No dia 14 os membros da Cruzada concluíram a sua patriótica romagem. Visitaram o mosteiro da Batalha e na igreja comemorativa de um dos maiores feitos militares de que reza a História assistiram à Missa celebrada pelo Senhor Bispo de Leiria, que ao Evangelho fez uma primorosa allocução em que evocou o nosso glorioso passado e a figura de santo e de guerreiro do herói de Aljubarrota.

Na sala do capitulo, um dos oradores da Cruzada proferiu um discurso junto do túmulo do soldado desconhecido. Por último os numerososromeiros visitaram também os campos de Aljubarrota e a histórica capela de S. Jorge, partindo em seguida para Leiria e regressando finalmente a Lisboa.

As ilhas Haway ou Sandwich — A fé e a piedade da colónia portuguesa — Uma grande figura de Prelado — A caminho da terra natal — Saudades de Fátima — Uma carta encantadora.

Fátima, a gloriosa Lourdes de Aquém — Pirineus, recebeu no mês de Agosto a visita de um dos mais ilustres e mais dedicado amigos de Portugal: o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor D. Estêvão de Alencastre Bispo de Honolulu, nas ilhas Haway ou Sandwich, pequeno arquipélago do Oceano Pacifico, actualmente sujeito ao domínio dos Estados Unidos da América do Norte. O venerando Prelado é português, sendo natural da ilha de Pôrto Santo, no arquipélago da Madeira. Tinha apenas seis anos de idade quando seguiu com seus pais para as ilhas Haway.

Foi aí que fez os seus estudos. Ordenado sacerdote e tendo entrado para a Congregação dos Sagrados Corações de Pic-pus, a que pertence o rev. do Matéo Crawley, foi depois elevado à alta dignidade de sucesor dos apóstolos. Sob a sua jurisdição episcopal tem o ilustre Bispo dezenas de milhar de portugueses, emigrados, na sua quasi totalidade, dos Açores e da Madeira.

A colónia portuguesa, que mantém naquelas remotas ilhas a fé e os costumes das suas terras natais, fala o português embora a lingua official seja a inglesa, e possui párocos, capelães e professores portugueses.

O venerando Prelado, fazendo este ano a sua visita a Roma, *ad astra limina*, não quis regressar à sua diocese sem visitar Portugal e a sua terra natal, que nunca mais tinha tornado a vêr.

Em Leiria, D. Estêvão foi hóspede de Sua Exelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, que o acompanhou nos seus passeios pela cidade, na sua visita a Ourém e na sua peregrinação a Fátima, cumulando-o de todas as atenções e deferências numa porfia gentilíssima em que não se sabe o que é mais de admirar, se a magnanimidade de um dos Pastores, se os sentimentos de gratidão e de humildade do outro.

D. Estêvão de Alencastre traduziu primorosa e eloquentemente as impressões profundas e inolvidáveis da sua visita ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima numa carta encantadora escrita de Lisboa ao venerando Prelado de Leiria, de que se transcrevem os seguintes interessantíssimos trechos:

«Prouvera ao Senhor que neste momento eu lograsse possuir perfeitamente a formosa lingua de Camões e Vieira para exprimir os sentimentos e as emoções de que o meu coração foi preso durante a minha visita para sempre inolvidável a Leiria e a Fátima.

Tudo quanto penso e sinto, melhor o poderia trasladar ao papel na lingua inglesa que as circunstâncias me forcaram a adoptar desde a minha mais tenra infância, mas um coração português exprime a necessidade imperiosa de desafogar na lingua da sua Pátria. Espero que V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} terá a bondade de suprir as faltas.

Em primeiro lugar que direi eu da bela surpresa que me aguardava ao chegar à estação de Leiria? Quando parti de Lisboa, esperava passar o tempo em Fátima como um desconhecido, perdido entre os demais peregrinos; qual não foi, pois a minha surpresa, ao descer do comboio em Leiria, encontrando abertos para mim os braços de V. Ex.^{cia} Rev.^{ma}, que desde esse momento até à minha despedida não deixou de me honrar com as mais delicadas atenções.

Já mais poderei esquecer a nossa visita a Ourém, onde me foi proporcionado o inefável prazer de assistir e até participar duma maneira activa numa dessas grandiosas e comoventes manifestações religiosas e patrióticas que só é possível presenciar nas aldeias, onde, longe da agitação e efervescência das cidades, a fé simples e viva do nosso povo reina ainda soberanamente.

Quando, terminadas as solenidades em honra do Beato Nuno de Santa Mariaousei lembrar a V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} que já se ia fazendo tarde e que eu tinha grande desejo de assistir à procissão das velas em Fátima, V. Ex.^a Rev.^{ma} respondeu-me que chegaríamos bastante cedo. Com efeito, a qualquer hora que chegássemos a Fátima, chegaríamos a tempo, porque a noite é passada pelos devotos peregrinos alternadamente em oração e procissão. Eram onze horas quando pisávamos o solo bendito do local das aparições. Não há que enganar-se — é bem Fátima.

Que vem a ser aquele desfile de luzes que no meio da noite serpenteia em todas as direcções? Ah! é a procissão de milhares de devotos de Maria que lá vão cantando alegres «Aves» à Mãe do Céu. Que scena comovente! E o que sobremaneira me impressionou foi o pensamento dos sacrificios que muitos dos milhares de pessoas ali presentes fizeram, vindo de terras longínquas, algumas a pé, para prestar homenagem à augusta Rainha dos Anjos. Se é verdade que a fé se mede pelos sacrificios que por ela se fazem, grande e profunda deve ser a fé deste povo que não se cansa de cantar os louvores de Maria Santíssima E estes rasgos de amor à Virgem são coroados pela maior parte dos devotos peregrinos com o acto que, entre todos, deve ser o mais agradável àquela Mãe celeste — o receber num coração abraçado de amor divino Jesus no seu sacramento de amor.

Foram talvez as numerosas confissões e fervorosas comunhões — sinal incontestável da verdadeira fé viva — o que mais me impressionou e comoveu de tudo quanto presenciei no augusto Santuário de Fátima.

E como poderei eu assaz agradecer a V. Ex.^{ma} e Rev.^{ma} o favor que se dignou fazer-me de me permitir que celebrasse a Missa dos doentes e depois abençoasse com o Santíssimo Sacramento cada um desses aflitos que vieram ali com fé e confiança pedir à Consoladora dos aflitos um alívio para os seus sofrimentos — acto este que me comoveu até às lágrimas. Nos seus olhos fitos em Jesus — Hóstia liam-se os sentimentos que naquele momento agitavam o coração de cada um. Ah! Maria, Mãe de misericórdia, Consoladora dos aflitos, não pode deixar de recompensar duma ou doutra maneira tão grande confiança no seu amor maternal. Não há dúvida de que Fátima é um foco intenso e inexgotável de graças celestes que irradiam com profusão sobre Portugal inteiro.

Sua Exelência Reverendíssima o Senhor D. Estêvão partiu no dia 16 de Agosto para a Madeira em companhia do venerando Prelado daquela diocese, que é irmão do capitão Ribeiro, valoroso official da Brigada do Minho, morto em França na batalha de 9 de Abril.

A humilde «Voz de Fátima», que julga ver na peregrinação do ilustre Bispo de Honolulu a Fátima um desígnio adorável da Divina Providência e um penhor seguro da difusão do culto de Nossa Senhora de Fátima entre a colónia portuguesa da ilha Haway, faz os mais ardentés votos ao Céu para que o nobre Antistite, o peregrino que de mais longe veio a Fátima, gastando mais de trinta dias na viagem, restaure completamente a saude combalida e as forças esgotadas nos seus árduos trabalhos apostólicos e, regressando à sua longínqua diocese, tenha um longo e venturoso episcopado, oheio dos dons de Deus e dos bênçãos de sua Mãe Santíssima.

Carta de Roma para as «Novidades» — O distinto escritor e jornalista J. Santa Rita — Os rev. dos drs. Manuel da Rocha e Soares da Rocha — Duzas missas novas — No Colégio Português aos pés de Nossa Senhora de Fátima — «Venham almas para a cidade eterna.»

J. Santa Rita, pseudónimo que oculta uma das figuras mais distintas e mais completas de escritor e jornalista e um dos membros mais considerados do clero secular português, na sua carta de Roma para o grande diário católico de Lisboa «Novidades», publicada no número correspondente ao dia 8 de Agosto último, descreve, com as cores vivas e as cambiantes variadas que só a sua pena dúctil e maleável é capaz de fornecer, as cerimónias singelas mas comoventes da primeira missa de dois alunos do Colégio Português em Roma que concluíram este ano os seus estudos universitários.

O rev. do dr. Manuel da Rocha, «da terra verde de S. Miguel e do mar azul dos Açores» ofereceu pela primeira vez a Virgim Divina imolada sobre o altar na cripta de S. Pedro, na Basilica Vaticana.

O rev. do dr. Soares da Rocha, da diocese do Pôrto, não quis celebrar a sua Missa nova na cripta de S. Pedro.

Eis como J. Santa Rita, no seu estilo brilhante e incisivo, a elle se refere, a propósito de tão faustoso acontecimento: «O Padre Soares da Rocha preferiu o altar de Nossa Senhora de Fátima do Colégio Português.

Lá teve as suas razões; razões de fé e de patriotismo. Nossa Senhora de Fátima está reconquistando Portugal para as suas antigas glórias. Nossa Senhora de Fátima é Nossa Senhora de Lourdes naturalizada em Portugal. É o centro do país, é o trono mais quente da nossa terra, é o grande braseiro em que as almas lusitanas se aquecem de 1917 para cá.

E o Padre Soares da Rocha, não podendo gozar a ventura de celebrar na sua terra de cambiantes lindos e nostálgicos, na sua terra onde o comboio do Douro torna mais galharda e imponente a paisagem de Penafiel, na sua terra onde tudo lhe era amor, resolveu encostar o peito a Nossa Senhora de Fátima e, junto dela, celebrar a sua Missa Nova.

Aqui, ao contrário do túmulo de S. Pedro, houve flores, houve cânticos e houve música. Música que mãos portuguesas arrancaram do órgão, cânticos que gargantas portuguesas entoaram e flores que no altar iluminado morreram deliciosamente de amor por amor do Rei de Amor.

A festa, como a primeira, foi íntima, foi carinhosa e foi de cristianíssima piedade.

Partiram já para Portugal estes dois padres que são doutores. São eles a aliança viva da sciência e da fé. Vão incendiar pelo zelo apostólico pedaços lindos da terra portuguesa. Vão extravasar luz e amor: a mesma luz e o mesmo amor que eles, como tantos, conquistaram nos bancos académicos da Universidade Gregoriana e na diária contemplação de tanta coisa santa que por aqui se vê, se estuda e se sente... a cada canto... a cada esquina... em cada pedra... no próprio ar... e no próprio sol. Vão entusiastar pela formidável organização da Igreja, vão pleróticos de amor por ella, e vão, como cavaleiros antigos, dispostos a mourear, batalhar e morrer por este, ideal: — fazer melhor ainda a terra de Portugal.

«Leaders» de almas como eles, partiram também padres e doutores, os rev. dos Maia, do Pôrto, Venâncio, de Leiria, Gonçalves e Ribeiro, de Braga.

Portugal recebe agora no seu seio sete padres, sete pérolas novas, sete soldados para a linha de frente. Portugal fica mais rico. Mas o Colégio Português ficou mais pobre. Que venham mais almas para cá e que venham muitos. Que venham os que puderem vir. Eles aqui honram sobremaneira Portugal e aprestam-se a valer para as lides sagradas do bom combate.»

Fátima no Brasil — A importante revista «Lusitânia», — Numerosas e esplêndidas gravuras — «A milagrosa Lourdes Portuguesa», — O trono mais alto da Piedade cristã em Portugal — O «Talitha Cumi.»

O Brasil, a querida nação nossa irmã, acolheu, a princípio com a mais benévola expectativa e depois, sempre, com simpatia, alvoroço e entusiasmo, o gran-

de facto histórico de Fátima. Portugal e o Brasil sentem palpitar em unisono os seus corações, quando qualquer dos dois povos celebra as datas mais gloriosas da sua vida nacional ou os episódios mais notáveis da sua epopeia de fé e piedade.

Os jornais e as revistas do nobre e bello país que o Cruzeiro do Sul ilumina inserem com frequência artigos e locais que são verdadeiros hinos de amor e louvor dedicados à pérola mais preciosa de Portugal, à bendita Lourdes portuguesa.

«Lusitânia», a importante revista de actualidades portuguesas e de aproximação luso-brasileira, no seu n.º 35, consagra integralmente quatro páginas, em papel especial, profusamente ilustradas com magnificas gravuras, à história dos acontecimentos de Fátima.

D um artigo que acompanha as gravuras, primoroso sob o ponto de vista literário, mas ressentindo-se bastante nas ideias e nas apreciações, aliás expostas sob uma forma digna e respeitosa, da deficiência de formação solidamente filosófica e religiosa do seu inteligente e cultíssimo autor, reproduzem-se com a devida vénia os seguintes interessantes períodos:

«Portugal também tem a sua Lourdes de divino poder milagroso, para consolação dos humildes, esperança dos que sofrem e é pão maravilhoso dos famintos de graça. Como em França Notre Dame de Lourdes, cujo prestígio é bem conhecido em todo o mundo e como em Hespanha S. Tiago de Compostela, que salvara os leprosos e animava os antigos cavaleiros nas guerras contra o sangue infiel da Mauritânia, Nossa Senhora é, actualmente, em Portugal, o trono mais alto da piedade cristã, a água mística e purificadora que dessedenta e nos aponta o Céu luminoso e infinito da vida eterna.

Os milagres são factos comprovados por toda a gente, verificados a todas as horas. Não são apenas invenções da fantasia humana, posta a trabalhar para refrigerio próprio ou para inconfessáveis fins de mercantilização espiritual. Teem-se visto cegos recuperarem a vista com uma simples ablução de água abençoada pela crença, mudos recuperarem o dom da voz articulada, paralíticos ganharem movimento e acção, como se o próprio Deus, repetindo a cada passo o milagre que reanimou a filha de Jairo, pronunciasse em toda a terra o «Talitha Cumi» do versículo hebraico. A romagem ao lugar sagrado onde a Virgem appareceu a três pastorinhos, é alguma coisa de belo e grande, pelo número assombroso e pela elevação espiritual dos devotos. Não se encontram ali diferenças de castas, fronteiras marcadas pelo orgulho ou pela fortuna. Ajoelham na imensa terra o pobre e o rico, o fidalgo e o plebeu, o místico e o sábio — na esperança de que Deus, sabedoria Mãe Alta — os illumine e contemple.

Cristianismo puro. A Humanidade nivelada pela Fé, conforme ella devia ser.»

Visconde de Montelo

Santuário de Fátima AVISO

O Santuário de Nossa Senhora da Fátima não emprestou nem empresta dinheiro a ninguém. Não faz depósitos nem em Bancos, nem em companhias, nem em mãos particulares. Por isso, as quebras sociais ou individuais, não nos atingem.

As esmolos, voluntariamente entregues pelos fiéis, são gastas no culto a Nossa Senhora e nas obras, a não ser que tenham fim especial designado pelos devotos.

O Santuário não entesoura dinheiros, nem tem dívidas ou compromissos.

E' pobre, mas honrado.

Leiria, 20 de Agosto de 1930

Bispo de Leiria.

AS CURAS DE FATIMA

Coqueluche e bronquite.

Ana Adelina Betencourt da Costa Nunes, da ilha do Faial, comunica-nos em carta de 2 de julho último, o seguinte:

«A Virgem de Fátima estende seu manto de graças por todo este verdejante Portugal e nele acolhe carinhosamente todas as fervorosas preces que se lhe dirigem.

Para o atestar eu ergo a voz, e, daqui, dêste recanto da terra portuguesa, quasi perdido no seio majestoso do Atlântico torno pública a minha gratidão para com Nossa Senhora de Fátima, que se dignou ouvir-me em momentos de aflicção, dispensando-me duas grandes graças, duas curas miraculosas, realizadas em dois dos meus queridos filhinhos.

1.º — O meu filho José desde pequenino sofreu dos intestinos, tendo estado por duas vezes quasi a morrer e precisando sempre dum certo cuidado na alimentação. Todos os anos na estação calmosa piorava.

Em Janeiro de 1929, porém, o mal agravou-se consideravelmente e durante três meses e meio a criança, que contava então pouco mais de 8 anos, foi tratada por dois médicos distintos, sem resultado algum. As numerosas dejectões eram acompanhadas de pus e de sangue e o ventre apresentava-se-lhe volumoso e duro. Um dos médicos disse-me que elle havia de sofrer toda a sua vida mais ou menos daquele mal de intestinos. Recorri então a Nossa Senhora da Fátima, fazendo-lhe diversos votos, entre elles o de publicar a graça e o de fazer com que o meu filho jamais esquecesse que devia a sua saúde à Virgem de Fátima. Comecei uma novena, tendo no primeiro dia comungado e levado o meu filho à confissão. Durante os nove dias da novena, todas as manhãs dava-lhe uma gota da miraculosa água de Fátima. Ao nono dia a criança estava curada e essa cura dura há 14 meses, sem que tenha tido dieta alguma, passando o verão admiravelmente e tendo comido frutas e outros alimentos de que, dantes, nunca podia fazer uso.

2.º — A minha filhinha Maria do Carmelo, de 3 anos de idade, em Março p. p. foi atacada de coqueluche e duma bronquite que a ia vitimando. Na noite de 1 para 2 de Abril, havendo três dias que a criança se encontrava com febre a 40 graus, as unhas tornaram-se-lhe roxas, a respiração tão ofegante e tão curta, que parecia prestes a succumbir. Não tinha posição a inocentinha e, num gemido constante, jazia nos meus braços completamente prostrada. Julguei-a perdida.

Implorei então da Virgem, pelas suas sete dores e, principalmente, pela que sofreu vendo Jesus agonizante, que restituisse a saúde à minha filhinha. Fui buscar água de Nossa Senhora de Fátima, dei-lhe uma colherzinha dessa água bendita, prometi publicar a graça e devotar a minha filhinha à Virgem Maria, sua madrinha e sua protectora. Pedi mais que, para eu ter a certeza do milagre, o médico no dia seguinte me dissesse que ella estava já melhor.

Logo que a minha filhinha tomou a água de Nossa Senhora de Fátima conciliou o sono e pareceu respirar melhor. De manhã continuava prostradissima, mas já menos aflita. O médico ao chegar auscultou-a e as primeiras palavras, que me disse, foram: — «Mas ella está melhor!» — e as melhoras acentuaram-se desde então rapidamente. Em poucos dias a criança encheu-se de vida, tornou-se ainda mais esperta do que era dantes e a tosse cedeu logo. A Virgem de Fátima deve a minha filhinha a vida, a saúde e a alegria com que nos enche carinhosamente o lar.»

Chaga crónica no peito.

Rosa dos Santos Ferreira, 45 anos, da freguesia de S. João da Foz do Sousa, sofrendo há 13 anos duma chaga crónica no peito do lado esquerdo e sendo tratada por diversos médicos do Hospital e pelo Sr. Dr. Valada e pelo Sr. Damião Ferreira de Castro quando usava de farmaceutico e pelo seu irmão Sr. António Ferreira de Castro, farmaceutico em Valbom, creaturas que com tanta caridade me trataram e tantos esforços empregaram para eu recuperar a saúde e tantos

sacrificios passaram para me auxiliar, mas tudo foi inutil. Não podendo com a despesa mensal que era de 45 a 50\$00 para curativos externos e internos. E se não fizesse esses curativos duas vezes por dia criava vermes iguais aos que a vareja deixa quando levanta o vôo donde poussa. Vendo que era olhada com desdem por muitas pessoas, e até maltratada. Um dia em que as dores eram tantas e tão fortes e rodeada de necessidades externas que só Vós ó Mãe SS.ª sabeis tal sofrimento. Fui à igreja da minha querida freguesia mostrar à SS.ª Virgem o meu estado e pedir-lhe a graça de uma boa morte. Chegada à igreja joelhei-me nos degraus do altar de Nossa S.ª de Lourdes para entregar a minha alma nas suas SS.ªs mãos, dizendo: «Minha Mãe SS.ª! Da parte do corpo não vejo mais nada que possa fazer para recuperar a saúde; não posso trabalhar, não posso por modo algum fazer face a tal despesa. Por isso entrego desde já a minha alma nas vossas SS.ªs mãos e peço-vos óhi Divina Mãe SS.ª que me assistais na minha morte, entregai-me Vós ao S. Coração de Jesus vosso Filho. Estas dores que eu tenho não posso por modo algum sofrê-las nem sei como hei-de ir para a minha residência, não me abandoneis. Oferece-vos todos estes sofrimentos para desconto dos meus pecados que são imensos, mas mais uma vez vos peço e confio que quando Jesus me chamar a contas, Vós é que haveis de levar a minha pobre alma e nas vossas divinas mãos hei-de ser julgada.»

No meio destes pedidos e destes soluços e lágrimas, se os corações fossem de partir, o meu partir-se-ia em pequeninos bocados. Senti então tal desejo de ir a Fátima que me não pude conter. Passados poucos dias sai de madrugada e passando ao pé da nossa querida igreja ajoelhei-me ao pé da porta principal e disse: «Minha Mãe SS.ª sigo para Fátima, meus não levo, apenas levo alguns medicamentos para me tratar na viagem». Segui a pé. Caminhos não os sabia, apenas pelos meus muito simples estudos sabia as estações do caminho de ferro que havia de passar. Feliz viagem, nada me faltou, apenas calejei muito os pés. Chegada a Fátima (não era dia de festa) segui para essa fonte de graças, água dada pela SS.ª Virgem. Molhei um penso dos que levei, coloquei-o em cima da chaga por alguns momentos, não soube onde estava. Quando dei acôrdo de mim tirei o penso e nem cicatriz encontrei. Mil graças, ó Mãe SS.ª. Uma Sr.ª muito distinta foi ter comigo, acompanhou-me até Leiria pagando-me a viagem até Gaia, estação das Devezas, onde passei a última noite fora da minha residência em Avintes em casa da Sr. D. Olivia Fernandes Capela.»

Tumor na boca.

Antónia de Jesus Madeira Trindade, de Cabeço de Vide, Alentejo, muito grata à Virgem do Rosário da Fátima vem publicar uma graça recebida por sua intercessão.

Tendo um afilhadinho da idade de 4 anos em sua casa, por trez vezes se viu aflitissima vendo a criança sofrendo muito e perdida com ancias. Uma das vezes chegou a ter um tumor na boca que mais aumentava o sofrimento da pobre criança.

Rezei com fervor à Virgem Santissima prometendo publicar a graça de lhe conceder as melhoras da criança se fosse atendida e dando-lhe e beber uma colher da água, repentinamente o seu afilhadinho ficou bom sem que até hoje se tenha tornado a queixar. Dá pois muitas graças à Virgem Santa.

Falta de vista.

Adrião Máximo da Silva Mulheiro, de Nozelos (Moncorvo) tinha perdido a vista havia perto de 50 anos, tendo os olhos completamente cobertos, não tendo porém outro sofrimento que o da falta da vista.

No mês de Novembro do ano passado appareceu-lhe uma nascença no olho esquerdo desenvolvendo-se-lhe uma horrôsa inflamação acompanhada de dores horribéis sendo tratado pelos distintos médicos de Vila-Flôr, Dr. João Lopes Monteiro e Dr. João de Noronha. Ambos constataram que era precisa uma operação ao olho afim de o extrair porque com a violencia das dores podia sobrevir uma me-

ningite e perder a razão ou a vida. Estava já marcado o dia para se fazer a operação e na manhã do mesmo dia indo novamente consultar o snr. Dr. Noronha afim de saber a hora em que ella se devia effectuar, este declara que podia evitá-la pois que estava muito melhor, o que nós attribuímos a um milagre da Virgem a quem o doente pediu fervorosamente a sua cura. Peço a V. R.ª se dignem mandá-la publicar se assim o achar conveniente, para honra e glória da Nossa Mãe do céu e para salvação das almas».

Defeito na fala.

P.º Jorge Octavio Coelho da Silva, da Ilha do Corvo (Açores) escreve o seguinte:

Tomo a liberdade de lhe escrever sem o conhecer para lhe pedir o favor de valer a pena, de publicar no jornal da sua proficiente direcção o que a seguir lhe relato: como me achava com um defeito na fala que me impossibilitava de falar à vontade, tive a feliz lembrança de recorrer a Nossa Senhora de Fátima, pedindo-lhe, que me auxiliasse a desembaraçar-me de tão embaraçoso defeito; fiz-lhe também a promessa de, no caso de reconhecer diferença na minha fala, mandar publicar no jornalzinho de Fátima a graça obtida, e também mandar essa quantia, que incluso lhe remeto. Ora, na verdade nas funções do meu ministério sacerdotal tenho notado que me vejo bastante desembaraçado no falar, sem me preocupar quasi nada e por consequência falando livremente.

Julgo, que devo attribuir isto à intervenção de Nossa Senhora que tão prontamente atendeu ao meu pedido; e por isto me apresso a satisfazer a minha obrigação.»

Voz da Fátima

Despesa

Transporte	219.693\$20
Papel, composição e impressão do n.º 95 (62.700 exemplares)	3.339\$90
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, etc.	846\$40
	223.929\$50

Donativos vários

Maria Alice das Dores S. Almeida, 50\$00; Margarida dos Santos Silva, 43\$00; Abel Gonçalves de Freitas, (Brasil), 50\$00; Anonimo da Figueira da Foz, 150\$00; Sara Mudat, 25\$00; José Francisco dos Santos, 40\$00; Maria das Dóres Tavares de Sousa, 129\$00; José Dias Alão, 100\$00; Almiro José Pinto, 20\$00; Francisco Maria Ferreira (Lourenço Marques), 50\$00; Elvira Nunes da Fonseca, 50\$00; Ana da Silva Carvalho (de 13 assignaturas), 130\$00; Ana Maria da Conceição Neves, 300\$00; António Inácio Henrique, 50\$00; do Colégio do Sagrado Coração de Maria (Copacabana) e algumas outras pessoas do Rio de Janeiro (para as obras de N. S. de Fátima), 244\$00.

Esmolas obtidas em várias Igrejas por ocasião da distribuição de jornais:

Na Igreja do Sagrado Coração de Jesus em Lisboa, no mês de Agosto de 1930, pela Ex.ª Sr. D. Maria Matilde da Cunha Xavier 20\$40

Mãe de Misericórdia ...

(Extrahido dos escritos inéditos de M.elle Léonia Gilemant, falecida em cheiro de santidade em 1872)

31 de Março — Ontem estava eu bastante contristada pela morte de um meu patrício, cuja vida, como a de tantos outras pessoas, se tinha passado no esquecimento de Deus e de todos os seus deveres religiosos. No entanto um sacerdote pôde abordar o doente nos últimos dias da sua vida, mas a confissão que elle tinha feito dava margem a fundados temores sobre a sua salvação. O enfracquecimento dos seus órgãos e mesmo das suas idéias levavam a pensar que elle não tivera perfeita consciência do que fazia.

Este homem deixava uma grande fortuna rapidamente adquirida. Era feliz, no pensar do mundo, e essa felicidade me fazia tremer por elle.

Esta manhã, durante a missa, quis rezar por sua intenção, mas não me foi possível fazê-lo. Parecia que uma vontade mais forte que a minha me impedia e eu estava desolada porque já uma vez me aconteceu a mesma coisa por uma pessoa de que Nosso Senhor me fez em seguida conhecer a condenação.

Depois da comunhão, num momento, do lado oposto àquele onde eu estava vi um demónio medonho, que tinha nas mãos uma cadeia enorme de que um dos lados parecia perder-se na terra e que elle agitava com ares arrogantes dizendo:

— Agora já é tarde para pedires por esta alma! É minha, pertence-me e está perdida para sempre para o teu Jesus. Fazendo imediatamente o sinal da cruz toda a tremer preguntei a Nosso Senhor se esse demónio mau que tinha fugido deante da cruz, teria falado verdade e se realmente esta alma estava perdida.

— Não está, descansa, me respondeu Ele com bondade. Está salva! Mas está no mais profundo abismo do purgatório e aí ficará por muito tempo que só eu conheço.

O demónio enraivecido porque Maria lhe arrancou das mãos esta alma com que elle contava (como lhe arranca tantos milhares de outras todos os dias) queria impedir-te de rezares por ella para a privar da consolação que as tuas orações lhe poderiam obter!

A que deve esta pobre alma a sua salvação (preguntei eu a N. Senhor)?

— As orações que o santo sacerdote que a assistia nos últimos momentos dirigiu a Nossa Senhora. Estas preces juntas à espécie de confissão que o doente fez e à Extrema Unção quando estava muribundo, lhe obtiveram de mim um instante de conhecimento e durante elle se pôde arrependêr. E a graça da absolvição junta a esta contrição, posto que imperfeita, o arrancaram do inferno.

— Mas, meu Deus, não é verdade que elle estava inconsciente quando recebeu a Extrema Unção?

— É verdade, mas a virtude e o poder que eu dei aos sacramentos, instituidos por mim, é tal que a Extrema Unção opera sobre a alma do doente mesmo quando elle está privado de sentimentos. E ainda que este sacramento tivesse actuado sobre elle dum modo menos eficaz do que se o tivesse recebido com pleno conhecimento, obteve-lhe, assim mesmo, graças e até a de um instante de conhecimento, que os assistentes não notaram mas que bastou para que a sua alma pudesse voltar-se para mim e ser salva por meio da última absolvição que recebeu... Disse-me ainda que o demónio detestava a Santissima Virgem porque Ella lhe tirava todos os dias uma multidão de almas, bastando que uma pessoa piedosa pedisse por um pecador para que Ella o não deixasse perder. Assim também bastava que um pecador tivesse durante a sua vida tido alguns actos de devoção para com Maria, ainda que não fosse senão em creança ou no momento da sua primeira Comunhão, para que Ella, lembrando-se sempre disso, lhe obtinha graças que o salvem.

— Ah! como Ella é boa (lhe disse eu). Mas então, meu Deus, Ella é mais nossa amiga que vós?

— Não (me respondeu Ele). Ella amava-vos menos mas o seu coração foi formado e modelado pelo meu. E que Maria não foi creada senão para fazer dobrar a minha justiça. Ella não tem que exercer esta; é Mãe e todos os dias subtrai os seus filhos a esta justiça quando me vê prêtes a ter de os castigar.

Eu estava tão comovida com o que Nosso Senhor me dizia que as minhas lágrimas corriam em abundância. E voltei ainda a perguntar:

— Meu Deus, serão portanto poucas as almas que se perdem?

— Muito poucas, me respondeu Ele, entre os católicos.

Então cheia de confiança na bondade de Maria e no poder de sua intercessão e por um zelo, de que brevemente conheci a indiscrição, dispunha-me a pedir para que Ella obtivesse do Nosso Senhor o fazer sair depressa do Purgatório a pobre alma que eu sabia lá dever estar tanto tempo.

Mas naquele instante Nosso Senhor me fez parar, dizendo:

Não peças isso a Maria. É uma oração que Ella não atenderá. Ella ama e adora todas as minhas perfeições. A minha justiça lhe é tão querida como a minha mi-

sericórdia e procurando dobrá-la, Ela não quer que os seus direitos sejam lesados e muito menos, destruí-la. Deves compreender que se uma alma, que nada fez por mim durante a sua vida inteira, que eu salvo por pura misericórdia, que morre com uma contrição muito imperfeita, bastante no entanto por vir junto à graça da absolvição, que se uma tal alma entrasse no céu imediatamente depois da sua morte, a minha justiça não existiria.

Não, minha Mãe não me faz tal pedido, e esta alma pagará a sua dívida até ao último centavo. Podes obter-lhe consolações pelas tuas orações mas não perdão da pena inteira que ela merece.

1.º de Abril. — Vi hoje o sacerdote que assistiu ao doente de quem Nosso Senhor me falou ontem. Contou-me que antes de dar a Extrema Unção, achando-se só com o doente procurou um crucifixo e que não o achando, tomou o terço, que por acaso ali estava e apresentou a cruz do mesmo ao doente dizendo-lhe: «Está aqui a imagem de Deus que morreu por nós. Se ouves e me entendes, se se arrepende e o ama, faça um sinal para eu saber».

Então o pobre moribundo estendeu os lábios para beijar a cruz. Igualmente lhe apresentei uma medalha lembrando-lhe que se recomendasse à boa Mãe do Céu. De novo estendeu os lábios para a beijar.

Em vista disto que confirmava tão bem o que Nosso Senhor me tinha dito, não pude conter as lágrimas nem impedir-me de dizer àquele que acabava de o fazer:

Ah! esteja descansado, senhor Padre! As orações que V. Rev. dirigiu a Nossa Senhora pelo vosso pobre doente lhe obtiveram com certeza a salvação.

O melhor contra veneno

Margarida, até ali criança tão simples e piedosa, tornara-se difícil e demasiado preocupada com a sua toilette.

O que ganhava na modista onde tinha acabado a sua aprendizagem, gostaria ela de o empregar só em vestidos e bugangas.

A este desejo excessivo de se assinalar pelo brilho do seu vestido veio juntar-se depressa o fastio e desgosto pelas coisas de Deus.

Dentro em pouco toda a sua piedade consistia em ir à Missa aos domingos e isso mesmo fazia-o ela com espirito preocupado de todas as vaidades.

Tinha abandonado a sagrada Comunhão; e esse mesmo Jesus, que do fundo do Sacrário, tantas vezes tinha falado ao seu coração, era agora inteiramente desprezado e desconhecido.

Ao mesmo tempo, uma mudança não menos notável, se tinha, a pouco e pouco, operado no seu carácter.

Aparte umas gargalhadas estridentes e francas provocadas por essas palavras, raramente inofensivas, a que o mundo chama espirituosas, ela tinha perdido o seu constante belo humor. Já não sabia sorrir nem se via nela aquela cândida simplicidade que era toda a sua graça.

Isto, quanto ao que se via, pois que só Deus sabia o que era feito da sua beleza de alma.

Há pouco ainda, as manchas produzidas no andar por estes caminhos da vida eram lavadas e purificadas nas águas salutares da penitência.

Agora, tratava só de ornamentar o corpo. A alma, essa lá ficava a viver na lama de cada dia!

Sua mãe, muito fraca, compreendeu finalmente que todo o mal vinha da assiduidade, encorajada por ela, das companhias pouco cristãs com quem vivia sua filha.

Verificando os detestáveis progressos feitos por sua filha no caminho da impiedade, caiu em si, pôs-se de joelhos aos pés dum crucifixo e pediu perdão a Deus da sua fraqueza imperdoável. Pela primeira vez lhe saltaram dos olhos lágrimas ardentes.

Não se limitou a chorar mas foi ter com o seu confessor, em quem encontrou um apoio e conselhos de sabedoria e prudência. Além disso, com a graça divina recebeu também uma força que ela não conhecia e uma energia de vontade de que se não julgava capaz.

Foi isto num sábado. No dia seguinte, Margarida antes de entregar a sua mãe os ganhos da semana, declarou-lhe que à tarde queria ir ao teatro com as suas habituais companheiras.

A mãe opôs-se terminantemente e pediu à filha que voltasse à simplicidade dos seus verdes anos.

Margarida pareceu insensível a tais rogos

e, para obrigar sua mãe a ceder, ameaçou abandoná-la imediatamente se não lhe concedesse esta inocente distração, como ela lhe chamava.

A estas cruéis palavras, o coração da mãe revoltou-se. Uma tal ingratidão acabou de lhe abrir os olhos.

Num instante, levanta-se e, sem proferir palavra, dirige-se para a porta e abre-a de par em par, para indicar à filha que podia sair quando quisesse.

Depois deste esforço, caiu de joelhos, de olhos voltados para a imagem de Nosso Senhor, e levantando para Ele as mãos juntas, exclamou a soluçar: «Meu Deus, meu Deus, tira-me deste mundo antes que eu veja a minha filha para sempre perdida!»

Margarida que não esperava esta atitude nem este grito de dor, sentiu-se tocada lá por dentro no que ainda restava de bom no fundo da sua alma. Nunca tinha visto chorar sua mãe e este espectáculo a comoveu fortemente. Lançou-se logo ao pescoço daquela que tão ternamente a amava e com a voz entrecortada pela emoção diz: «Perdão, mãesinha querida, perdão. Eu não vou, nunca mais quero ir! Mãesinha, por favor, não chore. Farei tudo o que a mãesinha quiser».

— Promete aqui, minha filha, diante de Jesus crucificado que farás a minha vontade ou, se não, morro de pena.

— «Eu o prometo de todo o meu coração, minha boa mãesinha. Eu o juro, ajuntou Margarida com sinceridade, mas peço-lhe que não chore mais!»

Nesse mesmo instante Margarida resolveu cortar todas as relações com as companheiras que a tinham desviado do bom caminho e combinaram que nesse mesmo dia mãe e filha iriam confirmar este pacto junto do seu confessor.

«Para assegurar a volta de Margarida aos hábitos cristãos, disse-lhe o homem de Deus, não há senão dois meios. A vossa filha absorveu o veneno dos maus exemplos, o veneno das alegrias falsas, o veneno duma vida mundana e só pode recuperar a sua antiga e bela saúde recorrendo a um contra-veneno poderoso.

Deixou o primeiro dos bens por fúteis bagatelas; quis viver sem trazer em si o princípio da vida, quis caminhar para fora daquele que é o caminho.

Que ela, portanto, procure o soberano bem, que ela incorpore em si a vida, que entre no caminho!»

A Comunhão fervorosa e freqüente, eis onde está a sua salvação!»

Margarida recuperou o seu bom humor com a prática dos deveres cristãos.

Voltou a aplicar-se à oração e à humildade, aparecendo sempre que podia nas devoções realizadas na sua paróquia. Tomou todas as precauções para evitar as suas antigas companheiras e com tanto mais ardor, quanto antes as procurava.

O seu carácter doce e jovial reapareceu ainda que com um certo esforço. E se a sua afectuosa expansão não revestiu a graça da sua primitiva inocência, ornou-se no entanto desta outra graça mais severa, mas igualmente amável, que vem do arrependimento.

Espantada agora com os perigos que tinha corrido e reconhecendo no afastamento da Santa Comunhão a primeira causa do seu mal, tratou, com um fervor angélico, da recepção freqüente deste divino hóspede.

Não contente, todas as vezes que podia lá ia à sua igreja fazer uma visitinha ao divino prisioneiro, quebrando assim aquele pesado isolamento em que lá vive Jesus.

Se não podia, mesmo de casa Lhe enviava o coração acompanhado de alguma jaculatória cheia de gratidão e amor.

Como ela compreendia então bem a verdade do que muitas vezes lhe dizia, o seu confessor: «Jesus, recebido na Eucaristia é o divino antídoto contra todos os venenos.

Para creanças e para quem o não é

O Antonito é fertil em expedientes!... Vão encontrá-lo no jardim armado de uma longa vara, procurando em vão atingir a cabeça de uma estátua da Santíssima Virgem colocada num nicho elevado.

— «Que fazes tu aí, Antonito? Tem juizinho».

— E que eu queria abraçá-la e ela está muito alta. Por isso abracei e beijei esta vara e ela vai lá levar-me o meu beijo.

...

O Crucifixo impressionava muito o Pedrinho... Ele olha, interroga, comove-se e espontaneamente toma o hábito de juntar às suas orações de todos os dias o seguinte:

«Quando eu *se* grande, eu te terarei

os *pégo*s que os homens maus te puse-ram».

Não tinha ainda mais de tres anos e já, ao olhar para Jesus na Cruz, perguntava se era o mesmo menino Jesus do Presépio.

Outra creança (deu-se o caso aqui perto de Leiria) olhava com admiração o grande Crucifixo da sacristia.

Alguém de lado lhe explicou a razão daquele suplício e que foram os judeus maus que pregaram a Jesus na Cruz.

Comentário da creança:

«Também... são *buto*s».

POBRESINHOS...

Este caso passou-se há cerca de dois anos, no Rio de Janeiro.

Numa linda manhã, dessas que fazem vibrar de certa alegria ainda os temperamentos mais tristonhos, saía a passeio com a ama uma criança viva, mas de indole meiga e compassiva.

Lá ia o menino, dos seus três anos e alguns meses, conversando, perguntando tudo quando de repente topa com um velhinho a quem chamava «o meu pobre».

Habitado por seus pais a olhar para os pobres, assim como seu irmão mais velho, com verdadeiros sentimentos de piedade cristã, o galante menino estacou e, tendo-lhe esquecido em casa os tostõesinhos que por vezes levava para comprar rebuçados, diz para o pobresinho:

«Que pena! Estou tão longe de casa e não tenho aqui nem um tostão para lhe dar!»

«Não faz mal, meu filho (responde o pobre) outro dia será.»

O menino é que se não conformava de ver partir o pobresinho sem esmola. Num gesto brusco salta para junto do velho e diz:

«Já que não tenho agora outra coisa para lhe dar, dou-lhe um beijo.» E beijou as mãos calosas do pobre, que cheio de emoção, deixava correr pela face enrugada pelos anos e pelas aflições da vida, lágrimas de alegria e gratidão pela consolação dada com tanta espontaneidade e carinho por uma criança apenas de três anos.

«Menino, disse o velho, pensa que não é uma grande esmola esse beijo?» E pressuroso correu a casa da criança contar à mãe o tesouro que era o coração de seu filhinho.

— Quantas vezes a pobreza mais aflitiva não é de bens materiaes.

Quantas vezes uma boa palavra, um pouco de carinho e de interesse pelas tristezas alheias vem fazer despontar toda uma primavera de esperança.

De pouco vale a esmola se com ela não for também o coração.

Como ele queria ser grande

Uma manhã de julho, ao lado do rio Mosa nos arredores de Liège um velho sacerdote, pároco duma paróquia, levava o sagrado Viático a um camponês gravemente enfermo, morador lá para o extremo da cidade.

Dois acólitos o acompanhavam. O mais velho, de cerca de doze anos, levava uma tocha acesa. O mais pequeno, de gestos suaves e sonhadores, teria apenas nove anos e nem era ainda capaz de responder correctamente às orações da Missa.

Ao passarem em frente do portão de

uma fábrica, avança súbitamente de um grupo um homem e dirige-se ao sacerdote proferindo uma horrível blasfémia.

O velho sacerdote estremece e apressa o passo sem responder. Parece ainda mais curvado do que de costume como se do corpo quisesse fazer um baluarte com que cobrisse e defendesse o precioso tesouro que levava.

A emoção das crianças é muito viva. O maior, contendo-se a custo, exclama no entanto: «se eu já fosse grande!»

O mais pequeno nada diz mas soluça.

O moribundo recebeu os sacramentos e o sacerdote regressou à sacristia com os seus pequeninos companheiros, em cujos rostos transparecia uma seriedade que lhes não era habitual e se via a emoção provocada pelo inesperado incidente.

Porque querias *ser grande*?

O pequeno fita-o num movimento brusco e responde: «Ora! Para ser soldado».

O sacerdote disfarça um sorriso e com os olhos interroga o mais pequeno.

«Eu queria ser grande porque não conhecem a Deus e por isso o injuriam; queria ser grande para fazer com que O conhecessem e amassem.»

Os bons livros

Eis com La Harpe, célebre literato francês, descreveu a sua conversão:

«Achava-me só na prisão, em um pequeno aposento, e profundamente triste. Havia lido alguns Salmos, o Evangelho e alguns outros livros bons. O seu efeito tinha sido rápido, ainda que graduado. Já havia recobrado a fé, via uma luz nova, mas ela enchia-me de espanto e consternação, mostrando um grande abismo, o de 40 anos de extravios. Via todo o mal que tinha feito, mas não enxergava remédio algum, pois não achava ao pé de mim coisa alguma que me oferecesse os socorros da Religião. Por uma parte espantava-me a vida, considerada à luz da verdade celestial, e por outra aterrava-me a morte que esperava todos os dias, tal qual se recebia então, no cada-falso. Não viamos o sacerdote junto de nós para consolar, o que ia morrer. Cheio destas ideias desoladoras, o meu coração estava abatido, dirigia-se a Deus que acabava de falar, mas que muito mal conhecia. Dizia-lhe: Que devo fazer e que devo esperar?»

Estava o livro da *Imitação de Cristo* sobre uma mesa, e tinham-me dito que encontraria nele a resposta aos meus pensamentos. Abro esse livro ao acaso, e lendo deparei-me estas palavras: *Eis-me aqui, meu filho, venho a ti porque me invocaste.* Não li nada mais. A impressão repentina que experimentei é superior a tudo o que se pode imaginar: não me é possível explicá-la nem esquecê-la. Cai com a face em terra banhado em lágrimas».

Boa noite

— Não te parcem muito grandes as noites? (perguntava o capelão de um hospital de tuberculosos a uma doente).

— Não, senhor. Nem uma hora de sofrimento me sobra. Sofro a primeira hora da noite por minha mãe para que seja menos infeliz. A segunda sofro-a por meu pai para que se converta e morra bem. A terceira, por minha irmã para que melhore e se case. A quarta, pelos pobres. A quinta, pelos pecadores (e há-os tão grandes!), etc... e quando me aparece a manhã nas vidraças, a noite parece que voou.

FÁTIMA a Lourdes

Portuguesa

Impressões de viagem pelo Doutor LUIS FISCHER

Professor da Universidade de Bamberg, (Alemanha)

Tradução do Rev. SEBASTIÃO DA COSTA BRITES, pároco da Sé Catedral de Leiria

Preço 5\$00; pelo correio, 5\$70

Este livro muito interessante, cuja primeira edição alemã de 10.000 exemplares se esgotou na Alemanha em 4 meses encontra-se à venda na UNLÃO GRAFICA, Travessa do Despacho, 16 — Lisboa, na VOZ DE FATIMA, em Leiria e no SANTUÁRIO DE FATIMA.